

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i21.40922>

Artigo recebido em: 30/06/2021

Artigo aprovado em: 10/07/2021

Artigo publicado em: 12/01/2022

## O LUGAR DA FILOSOFIA NA CONTEMPORANEIDADE

### THE PLACE OF PHILOSOPHY TODAY

Marta Rios Nunes da Costa<sup>1</sup>

([nunesdacosta77@gmail.com](mailto:nunesdacosta77@gmail.com))

**Resumo:** Neste artigo procuro identificar o lugar e papel da filosofia na contemporaneidade. Começo por esclarecer o que é a filosofia. Na primeira seção retraço de forma breve a evolução da filosofia desde os gregos até aos dias de hoje. De uma atitude e prática existencial até a uma lógica de compartimentalização de saberes, levanta-se a questão: É possível ensinar e aprender filosofia? Na segunda seção tento oferecer uma resposta, a partir de um diálogo com Rancière e sua obra *O Mestre Ignorante*. Na última seção, procuro identificar o lugar da filosofia e do filósofo na contemporaneidade. Para isso, retomei a relação necessária entre filosofia e verdade. A partir de um diálogo com Heidegger, Aristóteles, Kant e Heath mostro que a filosofia permanece de vital importância para os dias de hoje, porém, que é obrigatório (ou desejável) que ela faça uma crítica a si própria de forma a superar o dogmatismo que a própria tradição crítica gerou.

**Palavras-chave:** Crítica. Educação. Filosofia. Heidegger. Rancière.

**Abstract:** In this article I aim at identifying the role of philosophy in the contemporary world. In the first section, I clarify the meanings of philosophy. Making a short digression on the evolution of philosophy since the Greeks until today. From a practical and existential attitude to a logic of compartmentalization of knowledge I ask the question: How can one teach and learn philosophy? In the second section I look into its purpose by reflecting upon the role of the philosopher and philosophy professor having as starting point a dialogue with Rancière's *Ignorant Master*. Finally, I try to identify the role of philosophy today. In order to do so, I revisit the relationship between philosophy and truth. Starting with a dialogue with Heidegger, Aristotle, Kant and Heath I show how philosophy remains of crucial importance for contemporary days, however, I argue that philosophy's importance and role today depends on the recovery of its commitment with Truth, wisdom and (non-dogmatic) critique.

**Keywords:** Critique. Education. Heidegger. Philosophy. Rancière.

\*\*\*

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutora em Ciência Política pela *New School for Social Research* (NSSR)

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0061251667497011>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8523-314X>.



Neste artigo quero responder à questão: qual o lugar da filosofia hoje? Gostaria de oferecer uma resposta simples, imediata e potente, capaz de calar todas as dúvidas, insatisfações e falsas crenças, capaz de colocar a filosofia, de uma vez por todas, no lugar que ela merece, mãe das ciências, do logos, do pensamento, mãe da humanidade no sentido daquilo que nos torna humanos, mãe do espírito, mãe da esperança. A tarefa, porém, é árdua e por isso a minha resposta nesta ocasião será construída por partes. Primeiro, começarei por esclarecer o que é a filosofia. Em segundo lugar, para que serve a filosofia. Por fim, o papel do filósofo e qual o seu lugar no mundo na contemporaneidade.

## 1 O QUE É A FILOSOFIA

14

Do ponto de vista etimológico, a palavra filosofia é uma composição de duas palavras no grego: *philos* + *sophia*. *Philia* significa amizade; *sophia* significa saber/sabedoria. Devemos ter cautela ao imaginar o que esta palavra composta realmente significa: amizade tal como pensada pelos gregos não é com certeza o mesmo conceito com o qual trabalhamos hoje; não remete à mesma experiência que define os contornos do nosso imaginário individual e coletivo. Amizade supõe, antes de mais, um horizonte de igualdade entre aqueles que são amigos; a igualdade que permite e/ou cria o respeito mútuo, traduzindo-se na experiência concreta do relacionamento com o outro.<sup>2</sup> *Sophia* significa sabedoria, não como algo estático, mas sim dinâmico, como ato, prática de saber. O saber, pelo menos o saber humano, imaginável e possível, é prática constante, aponta para a experiência de se construir a si mesmo enquanto sujeito, enquanto pessoa, que pensa, descobre, reflete, imagina, crê, age, sonha, faz. O filósofo neste primeiro sentido é aquele que busca o saber com a consciência simultânea da sua própria finitude – por oposição aos deuses e deusas, por exemplo.

Num segundo momento, passando a compreensão etimológica que por si só já representa um abismo face ao lugar que hoje ocupamos, pela questão da linguagem, do pensamento e do mundo, podemos olhar para formas de definir a filosofia, isto é, partindo do princípio de que a filosofia é este amor, esta amizade pelo saber, que saber é este? Dito por outras palavras, qual o seu objeto? De que forma a natureza da filosofia, ainda entendida neste sentido preliminar de amor, se desdobra e se reflete na busca acerca da natureza de determinados objetos? Será ela mesma ou algo para além de si? A mera colocação

---

<sup>2</sup> Ver Aristóteles, *Ética a Nicômaco*.



da questão sugere que não há resposta simples, consensual ou universal; a definição da tarefa da filosofia remete a um horizonte metafilosófico e problemático. Apesar disso, ela aponta para uma direção, a saber, a direção do método implícita numa outra forma de colocar(-se) como questão: como pensar? (e não apenas sobre o que pensar). Chegamos (ou reconhecemos) à primeira verdade da filosofia: o seu conceito, definição e finalidade está em si mesma, logo a busca deverá se dar num horizonte de imanência.

Ao longo dos mais de dois mil e quinhentos anos de tradição filosófica ocidental, cujo berço é geralmente reconhecido nas obras de Platão e Aristóteles, a filosofia se afirma com F maiúsculo. A Filosofia, esta prática de refletir e de buscar é também a prática da criação do sentido de si e do mundo. A Filosofia trata de todas as questões fundamentais, sabendo que o ‘todas’ é definido por aquele que reflete, que conduz e orienta a tarefa de bem pensar. O método desvela a sua importância na distinção que permanecerá imutável até hoje: a distinção entre aqueles que sabem pensar bem e aqueles que não o fazem. Repare-se que não basta pensar. É preciso *saber pensar*.

15

O que torna a atividade de pensar em bem pensar? Chamo a atenção para o fato de que há outra distinção importante entre pensar e pensamento. Quando dizemos pensamento, imaginamos algo ‘completo’, fechado em si mesmo, um conceito bem definido nos seus limites e alcance; pensar, por sua vez, aponta para a abertura, para o processo de criação do conceito, da ideia. Pensar remete à imaginação enquanto o pensamento remete a algo concluído, a algo do entendimento; como se fosse uma ferramenta pronta a usar, capaz de iluminar a realidade atribuindo-lhe sentido. Mas voltemos à questão, o que faz com que um determinado processo seja bem pensar? Um uso consciente e coerente de um método de inquérito, fundamentado no confronto com a realidade que visa a elaboração de conceitos para que com estes, e o seu bom uso, se consiga efetivamente explicar o mundo. Vejamos o que isto implica.

Em primeiro lugar, o ato de pensar aponta para a ordenação de ideias num sentido de coerência, isto é, de complementaridade sem contradição. Numa linguagem mais sistemática, o bem pensar significa estruturar bons argumentos reconhecíveis enquanto tal em virtude da sua estrutura e conteúdo. (MARTINICH, 2005, p. 23) Como Martinich diz “um bom argumento envolve três coisas: validade formal (estrutura), premissas verdadeiras (conteúdo) e reconhecimento.” (2005, p. 23) Dito de uma forma mais simples, a construção de conceitos e depois de sequências de pensamentos, raciocínios e argumentos assenta no domínio de regras. Um exemplo claro dentro da lógica aristotélica é o exemplo da



não contradição. Eu penso bem – isto é, eu tenho um argumento válido – se de duas premissas verdadeiras eu derivo uma conclusão verdadeira; ou se de premissas falsas eu derivo uma conclusão falsa ou ainda se de premissas falsas eu derivo uma conclusão verdadeira.<sup>3</sup> A lógica formal, ramo da filosofia, estuda exatamente isto: ela olha para a estrutura, para o esqueleto do pensamento, para a forma como os conceitos são postos em frases e como de um conjunto de frases se infere valores de verdade, i.e., se diz se x ou y é verdadeiro ou falso em relação ao mundo.

A estrutura do pensamento é a própria forma do pensar; ela delimita, marca, estabelece com certeza o pensado; ela também aponta para algo incontornável, a saber, o papel da linguagem e sua relação com o pensamento.

A forma como a filosofia tem sido definida ao longo dos séculos tem variado, consoante os pressupostos ou postulados daqueles que a exercitam. Por exemplo, se o filósofo parte de uma definição de que o ser humano é um animal racional (Aristóteles), a razão, enquanto faculdade, prática ou outra, tomará papel determinante na forma como os seus objetos são escolhidos assim como na forma como aquele que pensa (humanos) se posicionam em relação ao mundo e universo. Se a filosofia for pensada a partir de um paradigma cristão ou religioso as suas orientações com certeza serão diferentes, motivadas por um compromisso anterior, primeiro, de provar determinadas crenças, i.e., de mostrar que as crenças que sustentam a fé são verdadeiras via demonstração racional, i.e., filosófica. Se a filosofia for pensada a partir das descobertas científicas do Renascimento e Humanismo, isto é, a partir de um grelha conceptual moderna, a sua atividade se definirá com outros contornos, eventualmente mais críticos em relação à ordem estabelecida e ao status quo da Igreja. Se dermos mais um salto na história até ao século XIX a fenomenologia obriga a repensar o lugar da metafísica: o que temos são fenómenos, acontecimentos que se dão num campo de experiência e é sobre eles – dados – que a nossa consciência e razão pode refletir. No século XX assistimos à virada linguística da qual até hoje somos reféns: a consciência de que estamos presos numa linguagem e que esta é absolutamente insuperável ou intransponível; a linguagem é o próprio limite do pensar e os grandes problemas de fundamento do mundo, de Deus ou da Alma dão lugar aos estudos da gramática e às regras utilizadas pelos falantes.

De uma concepção original e originária de filosofia enquanto prática de si sobre si e sobre o mundo passamos para uma multiplicidade de áreas de saber e inquérito: metafísica,

<sup>3</sup> Exemplo de um argumento válido com premissas verdadeiras e conclusão verdadeira:

P1: Justiça é equidade

P2: Equidade é distribuir recompensas de acordo com o mérito e penalidades de acordo com a culpa.

Conclusão: Justiça é distribuir recompensas de acordo com o mérito e penalidades de acordo com a culpa.



ontologia, epistemologia, lógica, ética, filosofia política, estética, etc. De uma visão do todo orgânica e simbiótica onde aquele que pensa e faz filosofia está indissociavelmente ligado ao mundo e à consciência do seu lugar, chegamos hoje a uma compartimentalização da filosofia como se esta fosse um gigantesco Frankenstein que se perde no estudo das vírgulas e dos detalhes mais ínfimos, na esperança de encontrar o seu pequeno lugar ao sol entre tantos outros que competem pelo mesmo. O que temos hoje, afinal, é filosofia? Que filosofia se aprende? Uma questão anterior deve ser feita: é possível aprender filosofia? O que significa também perguntar: é possível ensinar filosofia? Para que serve, afinal, a filosofia?

## **2 PARA QUE SERVE A FILOSOFIA? É POSSÍVEL APRENDER OU ENSINAR FILOSOFIA?**

17

Dizer que é possível aprender filosofia significa dizer que alguém ensina filosofia, isto é, que há algo que pode ser efetivamente ensinado. Acima dissemos que filosofia é amor à sabedoria. É possível ensinar a amar? É possível ensinar a buscar? É possível ensinar a desejar? É possível ensinar a questionar? Olhando à nossa volta percebemos que crianças de tenra idade são filósofos (i)natos; a partir da idade dos porquês, por volta dos três anos, crianças formulam as mais diversas questões sem que ninguém os tivesse ensinado: Qual a origem do mundo? O que é o universo? O universo tem fim? O que é a morte? Qual a origem da vida? E à medida que crescem, as questões vão ganhando contornos mais específicos, como “porque é importante guardar promessas” ou “será que a expansão do mundo é infinita” ou “para onde vamos depois de morrer”. As questões geralmente vêm acompanhadas de teorias, isto é, de hipóteses sobre o possível. Algumas inserem Deus na resposta para a questão da criação do mundo, outras buscam alternativas. Os quebra-cabeças sucedem-se a uma velocidade, diria, alucinante, pois cada dia é uma oportunidade para exercitar a imaginação, o raciocínio e a busca por ciência ou sabedoria.<sup>4</sup> O que acontece entre os cinco ou sete anos de idade e os dezoito, ou à idade adulta, quando os jovens entram na universidade? Será que foi uma amnésia que os fez esquecer de como perguntar, ou acerca do que perguntar? Será que podem ser lembrados? O que aconteceu entre o ponto A – da infância – e o ponto B – da idade adulta – foi a vida, e nesta vida, a escola. Não entrarei aqui

<sup>4</sup> Para uma discussão sobre o ensino de filosofia a crianças ver Wartenberg, T. 2009. *Big Ideas for Little Kids – Teaching Philosophy through Children’s Literature*, New York: Rowman & Littlefield Publishers Inc.



no papel que a escola enquanto instituição tem na modelagem dos seres humanos para que estes se adequem a determinado esquema de vida. Porém, quero chamar a atenção para o que faz com que um filósofo seja um filósofo: a sua constante capacidade e prática de questionar e de buscar respostas. A filosofia é amor. Na escola muitas vezes se esquecem do porquê de aprender, ou de como é bom aprender. Na escola muitas vezes se esquecem do prazer de criar e passa-se apenas a reproduzir de forma mecânica e organizada. Mesmo as tentativas ‘críticas’ de nome sucumbem à pressão institucional dos rótulos.

Pensar-se-ia “então, é possível e desejável relembrar o sentimento original de filosofar”. O professor cumpriria a sua tarefa profética de ensinar a bem pensar.

No entanto, todos reconhecem que não basta ser professor de filosofia para ser filósofo. O que os difere, então?

O professor de filosofia é, antes de mais, professor dentro de uma instituição – a escola ou universidade. O fato de ser professor carrega já em si uma imensa responsabilidade, pois assume-se que o professor, pelo fato de ocupar esse lugar, tudo sabe ou tudo deverá saber. Mas não basta saber para si, é preciso saber e conseguir explicar. A lógica da explicação introduz uma ruptura radical entre aquele que ensina e aquele que aprende. Como bem diz Rancière na sua obra *O Mestre Ignorante*

Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. [...] O mito pedagógico, dizíamos, divide o mundo em dois. Mas deve dizer-se, mais precisamente, que ele divide a inteligência em duas. Há, segundo ele, uma inteligência inferior e uma inteligência superior. (RANCIÈRE, 2012, pp. 23-24)

O professor, ao ser colocado na posição de explicador, constrói-se na tarefa de fazer com que seus alunos compreendam. Esta palavra – a compreensão – é segundo Rancière “a causadora de todo o mal.” (2012, p. 25) porque é ela que interrompe o movimento da razão – aquele movimento que mencionei no início e que capta o que é único na atividade filosófica; o movimento da abertura, da busca, da construção. A tarefa de compreensão torna-se ato contínuo de embrutecimento, pois na medida em que “compreender não é mais do que traduzir, isto é, fornecer o equivalente de um texto, mas não sua razão” (RANCIÈRE, 2012, p. 27), o aprendiz se afasta do impulso original da vida e do amor. Desse mecanismo embrutecedor nasce a hierarquia e a desigualdade de inteligências; a lógica de





dominação, mesmo que inconsciente por parte daquele que ensina, manifesta-se nos exercícios e dispositivos institucionais obrigatórios, por exemplo, na ‘necessidade’ de critérios ‘objetivos’ de avaliação que se traduzem em notas. Este conjunto de práticas, suportado por ideologias de progresso, conhecimento, educação e emancipação culminam no oposto do que esperam promover e encontrar. A filosofia perde o seu F maiúsculo e passa a ser tratada e vista como uma entre várias outras disciplinas. A peculiaridade do método filosófico como verdadeira prática de descoberta e potencial emancipação limita-se à compreensão da história da filosofia, do trabalho de leitura e interpretação dos clássicos. Mas será que isso significa que, em nome da verdadeira filosofia, devemos deixar a história para trás? E os professores, estarão eles condenados a um papel que talvez nem eles mesmo queiram? Se não há uma coincidência automática nem necessária entre ser professor de filosofia e ser filósofo, pode o professor ensinar filosofia, enquanto prática transformadora, transcendendo os limites impostos pela lógica da desigualdade e embrutecimento? A resposta é sim, porém é condicional. Diz Rancière a propósito de Jacotot com a descoberta do ensino universal

19

[...] pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno; isso é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência. Mestre é aquele que encerra uma Inteligência em um círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados; isso é, conscientes do verdadeiro poder do espírito humano. O ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora, se o mestre acredita que ele o pode, e o obriga a atualizar sua capacidade [...] (RANCIÈRE, 2012, p. 34)

Se o professor for emancipado (e ele não precisa ser filósofo, apenas ser e deixar ser inteligente) ele conseguirá criar oásis de reflexão no trabalho com textos e com a história da filosofia. Os livros, os grandes clássicos, de Platão, Aristóteles, Kant, Hegel e Marx, ou os contemporâneos como Arendt, Foucault ou Beauvoir, tornam-se pretextos para por em marcha a própria razão. Ler e reler, até reconhecer que tudo está em tudo; o mestre, seguindo o método de Jacotot, orienta o percurso, a descoberta e o confronto do aprendiz com a própria inteligência.

Estamos agora em melhores condições para responder à pergunta: para que serve a filosofia? A Filosofia, quando orientada por professores já emancipados, serve para romper com os grilhões da opressão e da desigualdade perpetuada entre aqueles que sabem, possuem o conhecimento, como se este fosse algo destinado ou limitado a



um acesso por uma ‘elite’ capaz de vislumbrar os segredos da existência e aqueles que não sabem, que desconhecem e que são mantidos propositadamente fora do mistério, para lá do limite da razão. O paradoxo existencial é visível: a promessa do acesso ao conhecimento e ao tornar-se ‘inteligente’ ou reconhecido como tal no meio social exige uma sistematização e uma prática que muitas vezes acentua a desigualdade de inteligências perpetuando a lógica do embrutecimento. A Filosofia enquanto prática, prática que encontra pretextos em textos ou fora deles, oferece a possibilidade da emancipação, no sentido do auto-conhecimento, consciência de si e do mundo que o rodeia. A Filosofia, não mais como algo limitado a uma disciplina, mas como atitude e prática que moldam vidas. O percurso feito até aqui conduz-nos ao início, da auto-consciência, em que se percebe o sentido da máxima enigmática que lançou o chão para a sua prática: “conhece-te a ti mesmo”. Este “conhece-te a ti mesmo” reflete-se na outra máxima “tudo está em tudo”. Nas palavras de Heidegger, que curiosamente refletem a conciliação de ambas as máximas,

20

A Filosofia é algo primordial que fica de pé por si mesma, porém, por essa mesma razão, não é algo isolado. Em vez disso, como algo extremo e primário, já é compreensivo de tudo, de forma que qualquer aplicação de si vem tarde e conduz a mau entendimento. (HEIDEGGER, 1994, p. 23, minha tradução)<sup>5</sup>

Neste sentido, entraremos no terceiro momento do artigo, procurando identificar o lugar do filósofo e da filosofia na contemporaneidade.

### **3 O LUGAR DO FILÓSOFO E DA FILOSOFIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Ser filósofo requer essa auto-consciência acima mencionada; nem todos os professores de filosofia a têm, o que não é necessariamente culpa deles pois também os professores são condicionados e formatados pelo mundo. Mas o filósofo tem um papel fundamental no mundo, e o professor de filosofia/filósofo, o mestre comprometido com a real emancipação de seus alunos é ele ou ela mesma um sinal e ato de mudança no mundo. Todavia, essa tarefa não é fácil pois exige uma comunicação e um compromisso inestimável e sem preço com algo que está no centro da busca filosófica: a verdade. De que verdade falo, a que verdade me refiro?

---

<sup>5</sup> Todas as traduções de obras originais são de responsabilidade da autora.





No grego o termo exato é *aletheia*, que significa negação ou ausência de algo, nomeadamente aquilo que não se esconde, aquilo que é descoberto. O que é exatamente isso que está descoberto não é especificado. O latim traduz *aletheia* por *veritas*, que adquire o seu sentido por oposição a aquilo que é falso. A verdade é o oposto da falsidade. Mas esta tentativa de aproximação do sentido de verdade parece insuficiente à maioria de nós, sobretudo, a partir de uma perspectiva e atitude filosófica que busca esclarecer, isto é, tornar claro, trazer à tona, à superfície o real sentido de algo. Ora, esta proto-definição é insuficiente apenas do ponto de vista do pensamento sistemático que busca delimitar o conceito; vista por outro prisma, por uma vivência, por uma experiência real, a verdade, tal como a filosofia, se manifesta de forma quase intuitiva. Diz Heidegger de forma contundente

[...] A Filosofia não permite deixar-se agarrar ou determinar por meios de desvios ou como algo diferente de si. Ela requer que não olhemos para longe dela, mas que a apreendamos de fora para si mesma. A própria filosofia – o que sabemos dela, o quê e como é? Ela é apenas e sempre que estamos filosofando. Filosofia é filosofar. Isto não parece muito informativo. No entanto, embora pareça que estejamos repetindo a mesma coisa, isto diz-nos algo essencial. Aponta a direção na qual devemos procurar; com efeito, a direção na qual a metafísica se retira de nós. (HEIDEGGER, 1994, p. 4, minha tradução)

21

A Filosofia, tal como a verdade, resiste à definição, já que esta implica sempre um término, uma conclusão. Para o nosso propósito, e para aqueles que não se deixam persuadir pela postulação de uma intuição especial, basta reter o outro lado da proto-definição de verdade e é sobre esta que me quero concentrar, a saber, o oposto do falso ou do oculto.<sup>6</sup> Mas, o que seria este falso?

Definir o falso depende, em larga medida, do horizonte no qual construímos o nosso pensamento, ou, na linguagem de Foucault, o nosso ‘a priori histórico’. Não se trata, então, de delimitar o falso como se se tratasse de um objeto definido, ou conjunto de critérios estáticos e imutáveis, mas antes de promover o espírito inquisidor que busca saber mais, conhecer mais, des-cobrir mais. A vida tem várias camadas o que significa dizer, a vida e o sentido que lhe atribuímos, tem várias explicações. O que distingue uma vida caótica de uma vida boa ou ordenada é as formas que usamos para a estruturar e justificar. O que distingue o bem pensar do simples ou mau pensar é a ordem, uma ordem que passa pelo método, pela escolha, pela

<sup>6</sup> Por razões que se prendem com a escolha que fiz no recorte deste artigo não entrarei aqui na definição de verdade como ‘crença verdadeira justificada’, primeiramente avançada por Platão e referência na estruturação das teorias do conhecimento desde então.



consistência, pela justificação. Busca-se o verdadeiro, quer dizer, o que permanece intacto diante da multiplicidade dada de opiniões.<sup>7</sup>

No sentido mais tradicional da compreensão do significado de verdade, distinto do sentido grego de desvelamento ou descoberta, a verdade significa uma correspondência entre proposições e estado-de-coisas, o que exige por sua vez a correção dessa correspondência entre proposição e coisa.

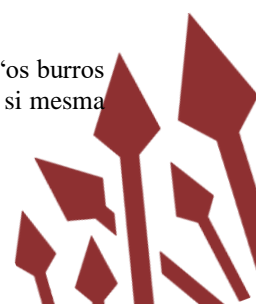
Mas será assim tão fácil, reconhecer a verdade? Sim e não, quer no caso da verdade entendida como *aletheia*, quer no caso da verdade entendida como correspondência.

No caso da verdade como *aletheia*, é simples reconhecer a verdade porque esta é uma experiência de ser, de ser-aí, de estar no mundo. Mas pode igualmente ser complicado, na medida em que nem sempre nos damos a nós próprios e ao mundo de forma clara, não-ambígua, autêntica. Poderíamos dizer que a verdade como desvelamento se concretiza quando a própria experiência de emancipação (na máxima ‘conhece-te a ti mesmo’) se cumpre.

No caso da verdade como correspondência, é simples reconhecer a verdade se nos dermos ao trabalho de buscar, conferir, decifrar. Vou dar um exemplo que talvez seja mais familiar: quando lemos uma notícia, à partida confiamos que esta seja verdadeira, isto é, que tenha correspondência com a realidade. Porém, sabemos que não há imparcialidade na forma como o ‘mundo’ é retratado e caracterizado. Daí que seja importante verificar quão próximas as narrativas oferecidas estão do que ‘é’, o que nos permitirá indagar sobre as motivações por trás dessa mesma construção de realidade. O que parece fácil revela-se difícil de fazer, não porque não existam os meios de verificação, mas antes porque a disposição não está lá. Aqui se revela em todo o esplendor a importância da prática, da disciplina e do rigor filosófico. Embora todos nasçamos, potencialmente, filósofos, na medida em que todos somos dotados da capacidade de pensar, é preciso treino, é preciso, na linguagem de Aristóteles, cultivar bons hábitos, cruciais para a formação ética e política de cada ser humano, de cada cidadão. Diz Aristóteles em *Ética a Nicômaco*

[...] as diferenças de carácter nascem de atividades semelhantes. É preciso, pois, atentar para a qualidade dos atos que praticamos, porquanto da sua diferença se pode aquilatar a diferença de caracteres. E não é coisa de somenos que desde a nossa juventude nos habituemos desta ou daquela maneira. Tem, pelo contrário, imensa importância, ou melhor: tudo depende disso. (ARISTÓTELES, 1991, p. 30, *meu itálico*)

<sup>7</sup> Ainda Heidegger, num comentário sobre a passagem de Heraclito cita este último para exemplificar: “os burros vêm buscar palha em vez de ouro.” (Heidegger, 1994, p. 274, minha tradução). A verdade contém-se a si mesma e mostra-se, iluminando e rompendo o obscuro.



Mais adiante Aristóteles reforça que

[...] a excelência moral, relaciona-se com prazeres e dores; é por causa do prazer que praticamos más ações, e por causa da dor que nos abstermos de ações nobres. Por isso deveríamos ser educados de uma determinada maneira desde a nossa juventude, como diz Platão, a fim de nos deleitarmos e de sofrermos com as coisas que nos devem causar deleite ou sofrimento, pois essa é a educação certa. (ARISTÓTELES, 1991, p. 32, *meu itálico*)

Sabemos que em Aristóteles o seu projeto ético converge com um projeto político e educativo: a ética é considerada a condição necessária para a (boa) política possa florescer. É preciso formar bons caracteres, pessoas virtuosas, para que elas se tornem boas cidadãs. Ora, Aristóteles é enfático na demonstração de que essa formação de carácter passa pelo cultivo de bons hábitos, que assentam, por sua vez, na capacidade de bem pensar. Bem pensar significa bem julgar, e para que o juízo possa ser bom é preciso que aquele que o emite conheça as coisas. Não se pode julgar (nem se deve falar) do que não se conhece, do que não se tem experiência.<sup>8</sup>

23

Estas são apenas algumas razões para mostrar por que a história da filosofia é tão importante. Não se trata apenas de conhecer o que os grandes filósofos pensaram, mas sim estimular o nosso próprio pensamento para que eles e elas, mulheres filósofas do passado e do presente, se tornem nossos contemporâneos e nossos interlocutores. Os textos vivem porque alguém os lê e os reanima. Não basta ler, de forma mecânica; é preciso apropriar-se do texto, fazer do texto seu, compreendê-lo e reconhecer o que é dado.

O filósofo, o verdadeiro filósofo, comprometido com o princípio do Esclarecimento Kantiano do *sapere aude!* tem uma tarefa dupla e difícil. Em primeiro lugar, de descrever o real e mostrar que ainda não somos esclarecidos já que o aumento exponencial de acesso a informação infelizmente se confronta com a predisposição psicológica do ser humano de preferir reproduzir atitudes e narrativas que reforçam as suas crenças (mesmo que falsas). Em segundo lugar, de se redefinir pelo seu compromisso com a verdade e o bem pensar.

---

<sup>8</sup> Diz Aristóteles: “[...] cada qual julga bem as coisas que conhece, e dessas coisas é ele bom juiz. Assim, o homem que foi instruído a respeito de um assunto é bom juiz nesse assunto, e o homem que recebeu instrução sobre todas as coisas é bom juiz em geral. Por isso, um jovem não é bom ouvinte de preleções sobre a ciência política. Com efeito, ele não tem experiência dos fatos da vida, e é em torno destes que giram as nossas discussões [...] E não faz diferença que seja jovem em anos ou no caráter; o defeito não depende da idade, mas do modo de viver e de seguir um após o outro cada objetivo que lhe depara paixão. A tais pessoas, como aos incontinentes, a ciência não traz proveito algum; mas aos que desejam e agem de acordo com um princípio racional o conhecimento desses assuntos fará grande vantagem.” (1991, p. 7, *meu itálico*)



No que diz respeito à primeira tarefa de descrição do real, esta descrição passa, inevitavelmente, por uma crítica à crítica. A crítica, e a filosofia enquanto crítica, encontrou em Kant o seu defensor através de uma redefinição na forma como se pensa o conhecimento e os seus limites, assim como de uma redefinição da forma como se justifica e sustenta uma moral num contexto já secular, condenado à lógica da imanência. A crítica contemporânea e cuja tradição se consolida a partir da Escola de Frankfurt na década de 1930, opõe-se naturalmente ao positivismo, isto é, à atitude que moldou a construção das ciências sociais ‘objetivas’ e que tomavam as suas categorias de trabalho como objeto de estudo definido. A crítica encontra a sua contraparte na ideia e promessa de autonomia. Lembremo-nos do texto emblemático de Kant “Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?” de 1784, em que logo no início do texto o autor nos diz “Sapere Aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!” (1784, p. 5) Porém, tal máxima nasce no meio de múltiplos obstáculos:

24

A preguiça e a covardia são as causas de os homens em tão grande parte, após a natureza os ter há muito libertado do controlo alheio, continuarem, todavia, de bom grado menores durante toda a vida; e também de a outros se tornar tão fácil assumir-se como seus tutores. É tão cómodo ser menor. Se eu tiver um livro que tem entendimento por mim, um diretor espiritual que em vez de mim tem consciência moral, um médico que por mim decide da dieta, etc., então não preciso de eu próprio me esforçar. (KANT, 1784, p. 5)

Embora a autonomia seja possível para todos os seres humanos, na medida em que todos detêm as faculdades racionais que lhes permitiriam fazer um bom uso delas, a preguiça e a covardia são impedimentos reais e que encontram apoio na forma como as instituições são desenhadas e como a própria cultura é transformada por ideologias que se tornam progressivamente dominantes. Ora, a ‘crítica’ enquanto tradição desdobrada nos vários estudos ‘críticos’ que atravessam virtualmente todas (ou quase todas) as disciplinas tornou-se ela mesma refém de um paradigma cultural que, para se manter hegemónico, se traduz no seu contrário, a saber, na invenção e perpetuação de um novo dogmatismo. Kant dizia, talvez em tom de resignação num misto de esperança inconformada que

Por meio de uma revolução talvez se possa levar a cabo a queda do despotismo pessoal e da opressão gananciosa ou dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar. Nossos preconceitos, justamente como os antigos, servirão de réguas à grande massa destituída de pensamento. (KANT, 1784, p. 6)



Num artigo recente de Joseph Heath, intitulado “O problema dos estudos ‘críticos’” o autor retrata a progressiva tensão entre as duas narrativas e atitudes acima mencionadas: a tradição positivista, que trabalha com conceitos bem definidos conseguindo construir teorias consistentes acerca do mundo; e a tradição crítica que, comprometida com um ideal emancipatório da razão e da humanidade se define primariamente como dúvida do que está posto, lançando a suspeita de que as teorias em vigor se sustentam em intenções obscuras que visam perpetuar uma lógica de dominação. O problema dos estudos ‘críticos’ (e ‘críticos’ está entre aspas para duvidar de quão críticos efetivamente são) é que na tentativa de desconstrução das narrativas positivistas esses teóricos se mostram incapazes de realmente definir conceitos e explicar raciocínios e a sua argumentação. Um bom exemplo dado por Heath é o caso do termo ‘Métis’. ‘Métis’ é geralmente usado para significar ‘mulato’, i.e., alguém com uma ancestralidade mista. Porém, “[...] no sentido política (e constitucionalmente) relevante, o termo refere uma minoria étnica nacional – nomeadamente a população específica, localizada no vale do Rio Vermelho e em seu redor, que foi involuntariamente incorporada à federação canadense.” (2018). Andersen escreve um livro defendendo esta última definição de ‘Métis’, bastante mais restritiva do que aquela que aponta para uma ‘ancestralidade mista’. Heath critica Andersen não pela sua tese, que a seu ver é ‘perfeitamente razoável’, mas pelo método escolhido de apresentação do argumento e trabalho de conceitos. Assim, em vez de construir um argumento logicamente coerente, trabalhando com conceitos bem definidos e suportando-se em outros autores (como Will Kymlicka, por exemplo), Andersen coloca como seu ponto de partida o reposicionamento do termo ‘ancestralidade mista’ num horizonte da ‘lógica racializante do colonialismo’. A conclusão derivada por Andersen é que ‘as pessoas que subscrevem a definição de “ancestralidade mista” estão na realidade reproduzindo a “lógica da violência” do colonialismo, bem como se engajando na “biopolítica do colono”. O resultado é inevitável:

[...] em vez de tentar persuadir os seus oponentes por meio de argumentação normal, Andersen basicamente os acusa de cometer um crime mental. Não estão apenas enganados sobre a melhor interpretação do termo; estão também infligindo violência simbólica contra o corpo do sujeito colonizado. Ou, para colocar as coisas em termos mais prosaicos, são um bando de racistas. (HEALTH, 2018, *on-line*)

O objetivo de Heath nesta reflexão concreta é mostrar que ao escolher este tipo de argumentação, aquele que o faz se fecha automaticamente ao diálogo.



Porquê a escolha desta estratégia, pergunta ele? Talvez porque Andersen, e muitos como ele, simplesmente não saibam defender uma posição normativa.

Citei Heath porque considero que o autor tocou num ponto fulcral e de extrema importância para nos obrigar a pensar no papel da filosofia hoje, inclusive dentro de uma tradição crítica. Não sugiro que, pela insuficiência ou limitações de uma teoria crítica hoje que esta deva ser abandonada, porém considero que deva ser feita de outra forma, de forma comprometida com o rigor, a análise e um método claro, facilmente reconhecido pelos leitores ou interlocutores. Caso não se repense as formas de fazer teoria crítica, concordo com o diagnóstico de Heath que termina o seu texto com a seguinte afirmação:

A ironia, é claro, é que, porque os seus praticantes [da teoria crítica] parecem não saber como elaborar argumentos normativos, os estudos “críticos” acabam por ser incrivelmente dogmáticos. Os estudantes devem considerá-las completamente desconcertantes. Embora supostamente estejam sendo ensinados a “pensar criticamente” sobre o mundo, são muito enfaticamente desencorajados de pensar criticamente sobre o que está sendo dito nos livros que se propõem a ensiná-los a pensar criticamente sobre o mundo. Não é assim – repita-se – que a teoria crítica deveria ser feita. (HEALTH, 2018)

#### 4 CONCLUSÃO

Neste artigo tentei identificar o lugar da filosofia na contemporaneidade. Para isso, comecei por esclarecer o que é a filosofia. Na primeira seção retracei de forma breve a evolução da filosofia desde os gregos até aos dias de hoje, identificando a mutação na forma como esta foi conceptualizada e percebida. De uma atitude e prática existencial até a uma lógica de compartimentalização de saberes, levanta-se a questão: para que serve a filosofia? Na segunda seção tentei oferecer uma resposta, a partir de um diálogo com Rancière e sua obra *O Mestre Ignorante*. Na última seção, procurei identificar o lugar da filosofia e do filósofo na contemporaneidade. Para isso, retomei a relação necessária entre filosofia e verdade. A partir de um diálogo com Heidegger, Aristóteles, Kant e Heath mostrei que a filosofia permanece de vital importância para os dias de hoje, porém, que é obrigatório (ou desejável) que ela, encarnada naqueles que se consideram filósofos, faça uma crítica a si própria de forma a superar o dogmatismo que a própria tradição crítica gerou. Só assim a filosofia – e os filósofos – poderão recuperar o seu território e atribuir novamente sentido à amizade ou amor pela sabedoria: o amor só nasce da liberdade





e a sabedoria da humildade de se reconhecer a si mesmo como aquele que não sabe tudo mas que está comprometido com a verdade.



## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- HEATH, J. O problema dos estudos ‘críticos’. *Crítica*. Disponível em: <<https://criticanarede.com/estudoscriticos.html>>. Acesso em 23 de jan de 2019.
- HEIDEGGER, M. *Conferências e artigos*. Tradución de Eustaquio Barjau. Barcelona: Odós, 1994.
- HEIDEGGER, M. *The Fundamental Concepts of Metaphysics – World, Finitude, Solitude*. Translated of William McNeill and Nicholas Walker. Indiana: Indiana University Press, 1995.
- KANT, I. *Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento?*. Tradução de Artur Morão. 1990. Disponível em: <[www.lusofonia.pt](http://www.lusofonia.pt)>. Acesso em: 23 de jan. 2019.
- Ramos, Cesar Augusto Aprender a filosofar ou aprender a filosofia: Kant ou Hegel?. *Trans/Form/Ação* [online]. 2007, v. 30, n. 2, pp. 197-217. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-31732007000200013>>. Acesso em 23 jan. 2019.
- RANCIÈRE, J. *O Mestre Ignorante – Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autentica, 2012.
- SENEDA, M. C. Conceitos de Filosofia na Escola e no Mundo e a formação do filósofo segundo I. Kant. *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 119, jun./2009, pp. 233-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-512X2009000100012>>. Acesso em 23 jan. 2019.

